

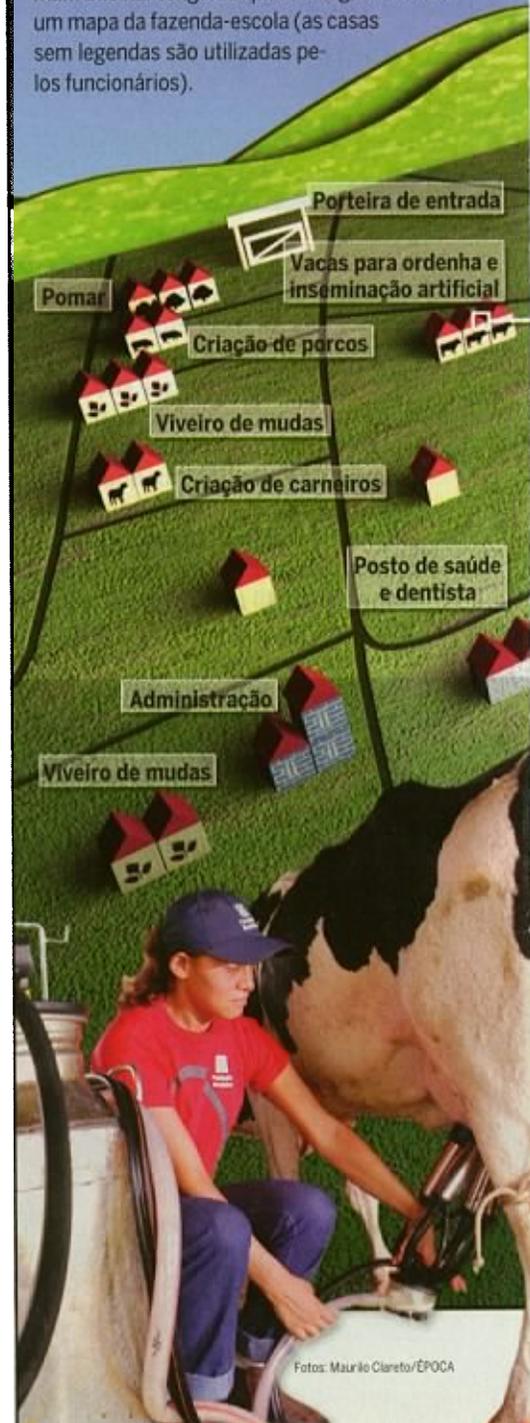
Escola, fazenda ou cidade?

Resposta: os três. Um internato no Tocantins se adapta à realidade rural e muda a perspectiva de vida dos jovens na Ilha do Bananal

O mapa de CANUANÃ

A escola transformou a fazenda em uma imensa sala de aula

Não fosse pelas crianças que tomam a praça quando toca o sinal, quem anda por Canuanã pode achar que está em uma cidade. Lá tem museu, consultório de dentista, cabeleireiro e até clube com cinema e teatro. A estrutura foi pensada para atender às necessidades de mil alunos e transformar a fazenda em uma grande sala de aula. Lá, os professores costumam ensinar longe do quadro-negro. Abaixo, um mapa da fazenda-escola (as casas sem legendas são utilizadas pelos funcionários).



ANA ARANHA

“RECADO DE CANUANÃ! Atenção! Os pais de Cristiane Coutinho devem comparecer assim que possível.” Central de mensagens para os moradores da

Ilha do Bananal, a única estação de rádio do local manda o recado que dá início à caminhada dos pais para chegar à escola da filha. São dois dias andando sob o sol inclemente do sul do Tocantins. O trajeto é feito por trilhas localizadas em terras indígenas. Quando o telhado da escola finalmente desponta adiante, o Rio Javaé é a última barreira. Ele contorna a face leste da maior ilha fluvial do mundo, com 2 milhões de hectares cercados por água. Tudo no município de Formoso do Araguaia, a 250 quilômetros da capital, Palmas. A Escola de Canuanã, colégio tipo internato mantido pela Fundação Bradesco, fica no continente. A casa de Cristiane fica na ilha. E nem sempre há

uma canoa para atravessar. “Quando não tem jeito, o pai mergulha e vem nadando mesmo”, diz a aluna de 18 anos. Eles não reclamam. Do outro lado do rio, mil crianças cursam, de graça, o melhor ensino fundamental e médio da região. Além do currículo regular, o colégio oferece curso técnico agrícola, moradia, alimentação, médico, dentista, quadra esportiva, biblioteca, museu e

teatro. A estrutura é farta, mas esse não é o maior mérito da escola. Canuanã se destaca pelo modo como adaptou suas aulas à realidade dos alunos.

Na fazenda – lá ninguém chama Canuanã de escola –, os estudantes são responsáveis por tudo. Durante o dia, os mais velhos alternam o curso técnico e o trabalho: tiram leite da vaca para o café-da-manhã, abatem o frango para o almoço e se revezam na limpeza dos quartos e banheiros. As aulas acontecem só à noite. Aí é hora de o professor ensinar, na teoria, o que os jovens conhecem na prática: na horta, garotos e garotas já sabem que o fósforo vem num saquinho de adubo e que banana não vinga sem potássio. À noite, estudando Química, eles voltam ao tema e lêem a tabela periódica.

Quando o conteúdo da apostila não está na memória – ou na terra grudada debaixo da unha –, a fazenda vira uma imensa sala de aula. Não é raro ver o pro-

fessor de Física debruçado sobre o motor de um trator explicando equações de movimento. Ou o mestre de Biologia ensinando no viveiro de mudas. As disciplinas ficam tão descoladas do caderno que é difícil lembrar em qual aula aprende-se o quê. “Espera aí! A gente viu o motor na aula de Química”, diz um aluno. “Não, combustão foi Química, o motor a gente aprendeu em Física. Lembra da inércia?”, afirma outro. ▶





DISCIPLINA As meninas têm de estar prontas às 7 da manhã



PRÁTICA No projeto de conclusão de curso, o grupo de Cristiane (à dir.) pesquisou como usar um besouro no controle de pragas



MÃO NA MASSA Alair (à esq.) trabalha na fazenda de manhã, faz o curso técnico à tarde e estuda à noite. Fora o "cheiro que gruda no cabelo", ela não reclama. "Adoro esse trabalho, vou prestar vestibular na área de agronomia na Universidade Federal do Tocantins", diz

VIAGEM
Às sextas-feiras, a aluna Rayane Javaé (à frente, de rosa) volta para a aldeia com a família



No último ano de estudos em Canuanã, uma preocupação agita a noite nos dormitórios. Como sexo e chocolate são proibidos, grande parte da ansiedade dos adolescentes gira em torno do projeto de conclusão de curso. O princípio é o mesmo de uma monografia: uma questão relevante para a comunidade tem de ser levantada e pesquisada seguindo método científico. O grupo de Cristiane, aquela cujo pai caminha dois dias para chegar ao colégio, pesquisou como se reproduz o besouro rola-bosta. Inseto originário da África, ele combate a proliferação da mosca de chifre (uma praga para a criação de gado) enterrando os ovos que a mosca deixa no esterco. Ao longo do ano, o grupo testou a reprodução do besouro no solo e no esterco.

Os trabalhos preservam um objetivo freqüentemente esquecido pela pesquisa acadêmica: a extensão do conhecimento ao cotidiano da comunidade. No caso do rola-bosta, o objetivo dos alunos é ajudar pecuaristas das margens do Rio Javaé a reproduzir o besouro. A grande expectativa dos estudantes gira em torno do dia de apresentar as conclusões à banca, constituída pelo orientador e por dois professores da área. “Depois de um ano trabalhando nisso, a gente sabe tudo, mas na hora dá nervoso”, diz Alair Alves de Souza, de 19 anos, uma das integrantes do grupo. “Lá no alojamento tinha até fila para ensaiar no espelho.” Aliviadas depois da apresentação, ela e Cristiane lamentavam o fim do curso. Caberá aos formandos de 2007 distribuir besouros aos vaqueiros da ilha.

Além de investir nas necessidades da região, outro atrativo para os alunos é o intercâmbio com universidades. No começo do ano passado, um sorteio determinou quem participaria do projeto do milho, oferecido pela Universidade Federal do Tocantins. Os agrônomos da universidade precisavam comparar o desenvolvimento de 21 espécies de milho, três delas novas no mercado brasileiro. Eles orientaram

INOVAÇÃO
No sentido horário, a partir do alto: Dárius, Marcela, Leidiany, Heytor e Larissa. Em parceria com a Universidade Federal do Tocantins, o grupo comparou o desenvolvimento de 21 espécies de milho, três delas novas no país



Há alunos que chegam à escola sem nunca ter visto um vaso sanitário



os alunos sorteados sobre como plantar e acompanhar a evolução do milharal. Informações como a altura dos pés e o peso das espigas ficaram sob responsabilidade dos estudantes. “Não tem semente melhor ou pior”, diz Dárius Dias, um dos alunos que apresentaram o trabalho sobre milho. “Tudo depende de quanto você tem para investir, se vai colher à mão ou à máquina e em que tipo de solo vai plantar.” Dias tornou-se especialista no assunto.

Dias e Alair de Souza querem ser agrônomos. Cristiane espera o resultado do vestibular para Psicologia. Mas, segundo eles e outros formandos ouvidos pela reportagem, o dia da colação de grau é a realização do sonho de todos os pais. Não é fácil conseguir vaga para o filho em Canuanã. Em 2005, havia dez candidatos por vaga para o ensino médio. A escola contraria uma triste tendência da educação no campo: quanto mais velhos os alunos, maior a evasão. Segundo as estatísticas do governo, apenas 2,5% dos alunos da rede

pública na zona rural estão no ensino médio. Em Canuanã, eles representam 45% da escola. “A falta de adaptação dos professores à realidade dos alunos do campo desencanta”, afirma Ricardo Henriques, secretário responsável pelo ensino rural no Ministério da Educação. “Nas cidades, o contexto de vida e ensino é mais homogêneo. Mas a realidade rural é outra. A Ilha do Bananal, por exemplo, é muito diferente da Ilha de Marajó.”

A Escola de Canuanã conquista porque, antes de ensinar, pesquisou a história de seus alunos. A maioria deles mora, ou já morou, na Ilha do Bananal. Muitos tiveram de se mudar para assentamentos do lado continental do rio em 1998, quando a ilha foi demarcada como território indígena. Quem ficou na ilha vive sem escola ou hospital. Não há, também, perspectiva de crescer usando a terra: a ilha tem uma legislação extra-oficial para regular a propriedade. No papel, a terra é dos índios. No mercado paralelo criado desde 1998, ela é do fazendeiro que pagar mais para soltar seu gado por lá. Na prática do dia-a-dia,

Uma seleção de boas idéias

Esta é a última reportagem da série Escolas Inovadoras de ÉPOCA. Um júri formado por cinco entidades e fundações especializadas em educação escolheu dez soluções adotadas por colégios públicos e privados de todo o país

Manaus (AM)

Crianças fazem eleição simulada e usam política para ajudar no aprendizado. Na foto, um pai em campanha pela "candidata" Tartaruga



Limeira (SP)

Escola pública abandona divisão por séries e agrupa alunos conforme o conhecimento

Curitiba (PR)

Estudantes tomam decisões políticas, ambientais e econômicas dentro da réplica de uma cidade

Duque de Caxias (RJ)

Em comunidade violenta, música e teatro combatem a evasão escolar

Ceilândia (DF)

Salas temáticas enriquecem o conteúdo das aulas

Farroupilha (RS)

Com metodologia do Ibope, alunos da rede pública fazem pesquisa de opinião

Fortaleza (CE)

Alunos se especializam em um tema e ajudam a dar aula. Na foto, crianças tocam música que compuseram



São Paulo (SP)

Rede pública combate a violência abrindo as portas para a comunidade no fim de semana

São Paulo (SP)

Colégio de elite investe em tecnologia e instala lousa eletrônica ligada à internet em todas as salas

a terra é do vaqueiro, que recebe um bezerro a cada cinco que nascem – pagamento conhecido como “sistema de sorte”. O pai de Cristiane é um desses vaqueiros e sustenta a família com os bezerros que ganha como salário.

A distância que os alunos vencem quando cruzam o rio para estudar é maior que os 100 metros de água que separam a ilha do continente: é a distância entre uma vida parca e uma estrutura com melhores condições. Na primeira noite de internato, alguns estudantes saem correndo ao ouvir o barulho da descarga – muitos nunca viram um vaso sanitário. Desde que a escola foi fundada, em 1973, ela tem como maior desafio diminuir essas distâncias.

No museu de Canuanã, a ata do primeiro dia de aula registra: “O aspecto geral das crianças não é bom, aparência de subnutrição. Notam-se atitudes agressivas, desconhecem boas maneiras e hábitos de higiene”. Com o tempo, a convivência muda essa impressão. Hoje, alunos e professores relacionam-se como se fossem parentes. Quando caminha pelo colégio, Joacir Moro, ex-professor de Educação Física que virou orientador

pedagógico, é abordado pela criança que corre para lhe dar um abraço. Ele abaixa e dá um beijo na cabeça de meninos e meninas. “Quando cheguei, senti um aperto no peito ao ver as crianças sozinhas, longe dos pais. Mas quando voltei para casa, no primeiro dia, já tinha uma penca delas sentadas na minha varanda. Aqui ninguém fica sozinho”, diz.

Integrar-se à comunidade

é requisito, por isso muitos professores são ex-alunos. É o caso de Lucrécio Filho de Oliveira, que ensina Educação Ambiental. Em sua aula são revelados os “segredos do paraíso”, como ele chama os fenômenos que formaram as praias e paisagens da Ilha do Bananal. Ele toca o projeto de preservação das tartarugas tracajás na ilha. “As aulas que mais fazem sucesso são as de reprodução”, diz Oliveira. “Precisa ver como eles ficam fascinados ao tirar as tartaruguinhas do ninho. É o momento em que descobrem como o paraíso deles funciona.” Parte do que Oliveira ensina foi aprendida com os índios javaés, etnia que deu nome ao

@ Leia todas as reportagens da série Escolas Inovadoras em www.epoca.com.br

rio da região. Deles, Oliveira ouviu que canuanã é uma adaptação da palavra canuanôn, que significa o “nome do dono” na língua inã. Canuanôn foi quem fundou a aldeia onde hoje está instalada a escola. Atualmente, 30 alunos indígenas estudam por lá. Três deles são avás-canoeiros, etnia que tem apenas duas aldeias remanescentes em todo o país.

Quando chega o fim de semana, as canoas se aproximam do deck da escola. São os pais que chegam para buscar os filhos. Alguns só vêm a família uma vez por mês; outros, uma vez por ano. Ao contrário dos adolescentes comuns, quase sempre avessos a demonstrações de afeto paternas, os de Canuanã andam pela escola de braço dado com os pais – a visita deles é motivo de orgulho para os jovens. Depois de formados, alguns desses meninos e meninas espalham-se pelas faculdades do país. Outros se empregam como técnicos agrícolas nas fazendas da região. E há os que vão ajudar a família em casa. Todos eles, filhos de Canuanã, terão novas distâncias a percorrer na vida adulta que começa. ♦